

# FH define o lugar do Brasil no mundo

*Em entrevista exclusiva, presidente afirma que há espaço para o País no mundo globalizado e dominado pela influência dos EUA*

**HENRY RAYMONT**  
Especial para o Estado

**B**RASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso acha possível encontrar para o Brasil um lugar de destaque no mundo globalizado e dominado pelo que chama de "preponderância" dos Estados Unidos. "Os EUA têm a capacidade óbvia de dar o grande padrão de referência, mas não podem, sozinhos, levar avante a política internacional", diz ele. "O que há hoje no mundo é a preponderância norte-americana com multipolaridade e nesta multipolaridade cabe o Brasil."

O papel do Brasil nesse quadro, acredita o presidente, é liderar o processo de consolidação do Mercado Comum do Cone Sul (Mercosul). "Temos de manter boas relações com os Estados Unidos e ter capacidade de organizar o espaço sul-americano, o Mercosul", explica Fernando Henrique. "Sem pretensão brasileira a nenhuma hegemonia, porque no mundo atual não há mais lugar para uma atitude hegemônica."

É algo que ele considera mais importante do que conquistar uma vaga permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. "Não estou tão interessado nessa cadeira quanto as pessoas

adizem", afirma. Nesta entrevista exclusiva, o presidente insiste num ponto que destacou em todas as suas viagens ao Exterior — o fundamental é mudar a Organização das Nações Unidas (ONU) e transformar os organismos internacionais criados após o fim da Segunda Guerra Mundial, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial. A seguir, os trechos principais da entrevista do presidente:

**Estado — Onde o senhor situa a política exterior e o futuro do Brasil no novo e incerto panorama mundial?**

**Fernando Henrique Cardoso** — Com o fim da Guerra Fria, temos uma experiência nova, ou seja, não há mais confronto. Com isto, também se chega a um problema de legitimidade, pois a antiga ordem garantia aos dois blocos obediência com aceitação. Havia o que Weber (*o sociólogo alemão Max Weber*) chamaria de 'autoridade', ou seja, dominação bipolar, mas que as pessoas aceitavam. Os Estados Unidos eram o líder de um lado, a União Soviética de outro, e mais ou menos os outros seguiam-nos. Gostassem ou não, seguiam porque havia um objetivo mais amplo. Isto se rompeu porque aquilo já não existe mais. Significa, claro, que existe uma só liderança, a dos Estados Unidos. Mas já não é uma liderança única, que obrigue a dar cada passo automaticamente. Então, simultaneamente, cria-se uma nova ordem, em que existe a preeminência absoluta de um país, paralelamente à possibilidade de outros núcleos de decisão, sem contradição com isso. Os Estados Unidos têm a capacidade óbvia de dar o grande padrão de referência, mas não podem, sozinhos, levar avante a política internacional. Creio, portanto, que esta mudança no mundo terá muitas consequências. Não é o fim de um tipo de bipolaridade em benefício da multipolaridade. Nesta multipolaridade cabe o Brasil.

**Estado — De que maneira?**

**Fernando Henrique** — Do seguinte modo: temos de ordenar nossas relações hemisféricas. Para isto, temos de manter boas relações com os Estados Unidos e ter capacidade de organizar o espaço sul-americano, o Mercosul. Não em oposição aos Estados Unidos. Daí advém minha concepção global. Os Estados Unidos têm a preeminência, mas não esgotam toda a possibilidade de poder. Então, para manter sua preeminência, aqui há um espaço que nos cabe. Sem pretensão brasileira a nenhuma hegemonia, porque no mundo atual não há mais lugar para uma atitude hegemônica. Portanto, era preciso organizar as relações com a Argentina, para que também aqui surja um eixo

positivo e não um eixo de confronto, e nós o fizemos. Em torno deste eixo, estamos organizando todo o resto. Agora vem o Chile, que se junta, sem participação direta no Mercosul, num diálogo privilegiado com o Mercosul. Sempre imaginei uma América do Sul, não uma América Latina, vista sob o ângulo do Brasil. Quero dizer com isto que nossa característica geográfico-histórica nos leva a ter um papel positivo na América do Sul. Por positivo incluo sempre uma relação de entendimento recíproco. Para isso mudamos, por exemplo, em termos muito concretos, a matriz energética brasileira. Tudo o que antes era autárquico agora se rompe, e agora vamos buscar o petróleo na Argentina e na Venezuela, o gás na Bolívia, na Argentina e no Paraguai. Ou seja, haverá muita dependência mútua, do Brasil em face da América do Sul e da América do Sul em face do Brasil. Aqui existe uma integração.

**ESTADOS UNIDOS TÊM A PREENHÊNCIA, MAS NÃO ESGOTAM TODA A POSSIBILIDADE DE PODER**

**Estado — Mas o Brasil também tem laços importantes com o Caribe e a América Central, em parte por causa da grande versatilidade de sua cultura, principalmente a da corrente afro-americana.**

**Fernando Henrique** — Sim, este é um segundo passo. Do ponto de vista histórico, cultural e econômico, é as-

sim. Mas é preciso lembrar que o Brasil, durante o regime militar, estava muito indisposto com os Estados Unidos, curiosamente. Por um lado, por causa do problema dos direitos humanos e tudo mais e, por outro, por causa do nacionalismo. Então, voltou-se mais para a África e o Oriente Médio, mas sempre é preciso ver bem com quais regimes nessas regiões. Quer dizer que estamos redefinindo isto, em termos de não desdenhar a África. Precisamos escolher o tipo de África — África austral, África do Sul, Angola, Moçambique — e aí entra a questão cultural. O laço entre nós não é tanto econômico, é mais cultural. Porque falamos português, porque temos mais negros aqui, porque somos talvez o país de maior população negra do mundo depois da Nigéria, e isso nos permite também um diálogo com o Caribe e a América Central. Recebi aqui, recentemente, dois embaixadores da América Central que vieram apresentar credenciais. E os dois me disseram o mesmo: 'Presidente, precisamos da presença brasileira na América Central.'

**Estado — Neste sentido, lembro-me de que quando entrevistei o presidente panamenho, Ernesto Perez Ballares, ele manifestou a esperança de que o senhor vá à comemoração que ele está organizando para marcar em 1997 o que as Nações Unidas chamam ano do Canal do Panamá, à qual comparecerão os presidentes dos Estados Unidos, Bill Clinton, e da França, Jacques Chirac.**

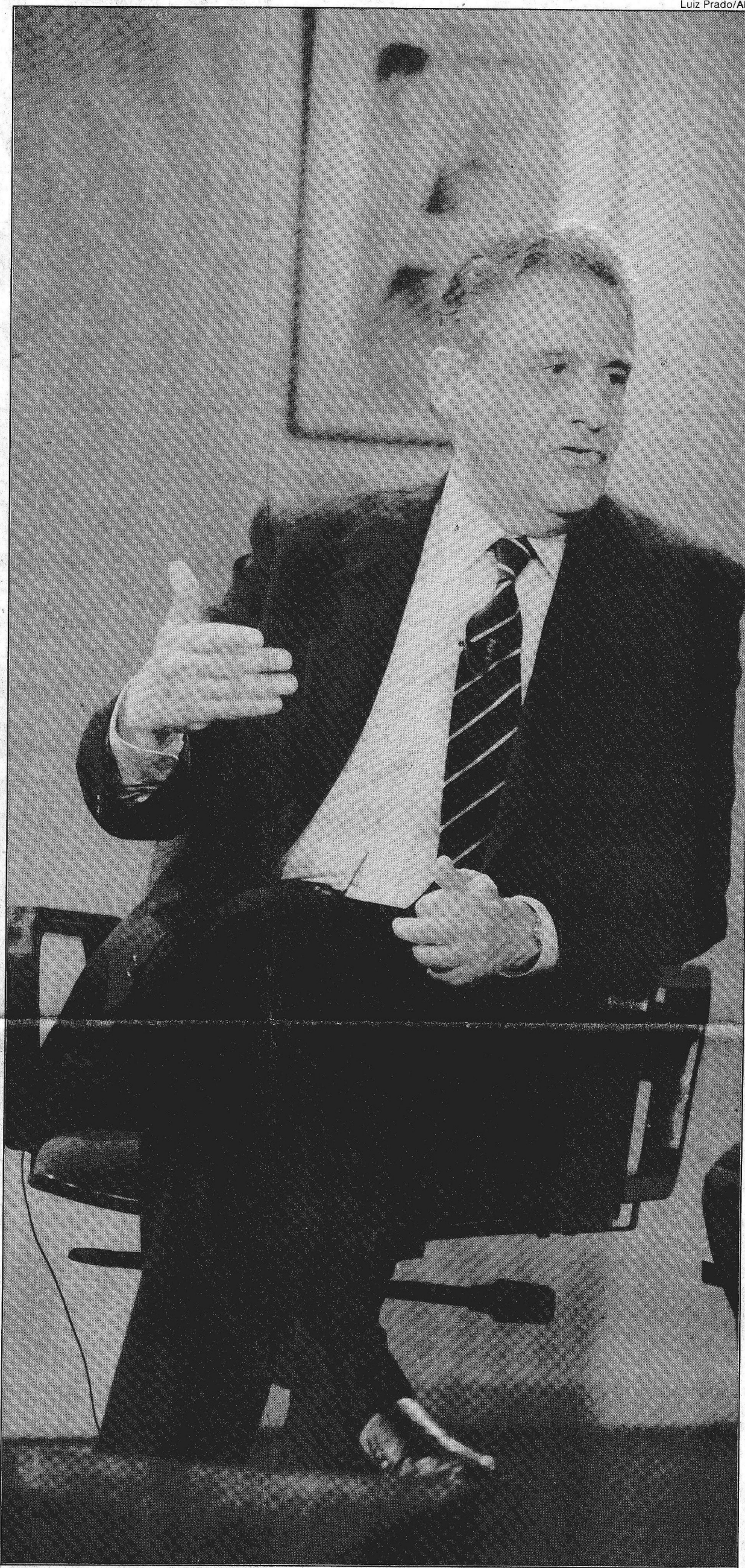
**Fernando Henrique** — Penso em percorrer a América Central no começo do ano. Essa é uma boa oportunidade.

**Estado — E a Ásia como parte do tabuleiro?**

**Fernando Henrique** — Naturalmente também nos abrimos para a Ásia, porque a Ásia tem o dinamismo do mundo atual. Fiz viagens à China, ao Japão, à Índia, à Malásia. O Mercosul, que é uma entidade com prestígio cada vez maior, é uma marca registrada, é um bom rótulo. E também fechamos acordos com a União Européia. Ou seja, queremos jogar uma partida no grande xadrez internacional, partindo do que eu disse a princípio, ou seja, de que haverá uma influência americana predominante, mas essa influência não esgota o todo, e haverá espaço para outros nós de decisão, desde que se tenha boas relações com os Estados Unidos — e a temos. Insisti nisto. Fui aos Estados Unidos porque Clinton reiteradamente manifestou o desejo e o interesse de estreitar nossos laços.

**A AMÉRICA DO SUL SOB O ÂNGULO DO BRASIL**

com quem me dou muito bem, sobre o Mercosul. Vamos reduzir as visitas de presidentes. Um pouco mais, e perdemos o efeito. A Ibero-Americana, também vamos promovê-la num prazo maior, talvez de dois anos. Esta é antes de tudo uma decisão da Espanha, que tem, ou tinha, o maior interesse em tais reuniões. Creio que existe aí um jogo complicado, porque, se de um



*Límite: "Estar no Conselho de Segurança, para obedecer aos EUA, ou ficar em confronto, não me interessa"*

**Estado — Como conciliar esta visão do equilíbrio de poder com a atual proliferação de grupos regionais e sub-regionais, as conferências de cúpula e ministeriais do Grupo do Rio, da Organização dos Estados Americanos (OEA), da Ibero-Americana, do Nafta e as intermináveis reuniões relacionadas com a aplicação do programa de trabalho aprovado pelos chefes de Estado em Miami? Como se pode racionalizar tudo isso?**

**Fernando Henrique** — Para início de conversa, há viagens excessivas, reuniões em excesso, e isto enfraquece o sentido simbólico da ação presidencial, das conferências de presidentes. Falei com Menem (*o presidente argentino Carlos Menem*),

lado temos esse mundo tão cheio de níveis e grupos, os grandes atores são ainda assim nacionais. Então nesse jogo Estados Unidos, Alemanha, França, Brasil, Argentina. É um jogo complexo, que não reduz o papel do Estado nacional desde que o Estado nacional entenda a globalização, não se oponha à globalização, mas jogue na globalização. É o que estamos tentando fazer aqui.

**Estado — É nesse contexto que o Brasil insiste em ter uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU?**

**Fernando Henrique** — Não estou tão interessado nessa cadeira quanto as pessoas dizem. Quando fui chanceler, não propus isso. Foi o chanceler que me substituiu, Celso Amorim, com o ex-presidente Itamar Franco. Eles se empenharam muito. Tão logo fui eleito presidente, viajei para Buenos Aires e disse algo que não se referia muito bem a uma cadeira permanente no conselho. Por que estou dizendo isto? Primeiro, porque creio que as Nações Unidas precisam passar por uma mu-

dança muito profunda, pois, do contrário, não servem para nada. E estar no Conselho de Segurança, para obedecer aos Estados Unidos ou ficar em posição de confronto, não me interessa. Portanto, só nos interessa uma mudança mais profunda que envolva mudança também nas instituições de Bretton Woods (*sede da conferência de 1944 que criou o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial*). E ninguém sabe o que fazer.

**Fernando Henrique** — Não, não é nada disso. Já esclareci que isso não vai existir. Não, não. Foi simplesmente alguém daqui que quis saber quanto custavam certos equipamentos. Uma coisa que, segundo creio, os americanos não percebem muito bem é que sou o comandante supremo das Forças Armadas, cargo que exerço plenamente. E os chefes militares aqui estão muito afeitos à democracia. Além disto, respeitam as restrições econômicas e políticas. Criei aqui um conselho de política exterior, segurança nacional e defesa externa em que os militares têm assento, e eu presido o conselho. Portanto, eu lhe asseguro que as vendas estão paradas.

**Estado — Eu gostaria de abordar outro tema inspirado por minhas viagens anteriores ao Brasil nos anos 50 e 60. Refiro-me à explosão artística deste país, tanto em arquitetura quanto em pintura, música e literatura. Que pensa o senhor de uma iniciativa do secretário da Cultura do Estado de São Paulo, Marcos Mendonça, que propôs que São Paulo seja sede de um programa para promover o intercâmbio cultural do hemisfério?**

homem interessante, tem muita sensibilidade para com o Brasil e nossos países, mas tem a burocracia do banco.

**Estado — Mas voltando à ONU.**

**Fernando Henrique** — O que nos interessa é uma reforma exemplar das Nações Unidas. Assim, o Brasil teria interesse numa participação maior, na medida em que o Brasil pudesse contribuir com sua capacidade negociadora, com certa cultura de tolerância que temos aqui no Brasil. Sem pretensão hegemônica, poderíamos ter um maior papel nas Nações Unidas. Poderia ser uma cadeira permanente no Conselho de Segurança, mas isso não é decisivo.

**Estado — Ainda como presidente eleito, o senhor foi à Conferência das Américas, convocada pelo presidente Clinton, e depois fez uma visita oficial a Washington, já como presidente do Brasil. Altos funcionários da Casa Branca dizem que o senhor e Clinton se entenderam como poucos chefes de Estado. É verdade? E como avalia os resultados daquela conferência de cúpula?**

**Fernando Henrique** — É verdade. Tenho estima por ele, por sua mulher Hillary também, que esteve aqui visitando minha mulher, e conversamos longamente. Creio que Clinton é muito inteligente, gosto dele. É uma pessoa com quem me senti à vontade à primeira vista. Além disto, sempre me inclinei mais para o Partido Democrata do que para o Republicano quando estive participando de convenções antes, quando era senador aqui. Portanto, existe uma simpatia natural. Como pessoa, ele me agrada, creio que é um tipo sincero, que pode mover coisas. Isto ajuda muito. Em Miami, eu não sabia muito dos projetos concretos, como a proposta de integração hemisférica para o ano 2005. Pareceu-me que estavam pensando que era fácil andar depressa. Creio que não é tão fácil. O melhor é ir com passos firmes e não numa velocidade que pode prejudicar o objetivo final. Eu disse a Clinton que estávamos organizando o Mercosul não para nos opormos ao Nafta, mas para que seja possível uma negociação mais madura. Esta é minha visão. Tomara que seja em 2005. Ou 2010. O importante é que o objetivo seja este.

**Estado — E o que acha do que foi batizado como "o espírito de Miami"?**

**Fernando Henrique** — Creio que ali se viu como a atitude dos países mudou tanto, no sentido de uma atitude desarmada dos países, para uma atitude muito mais aberta, de diálogo e compreensão mútua. Não se pode perder isto nunca, não convém perder.

**Estado — Então, o senhor discorda dos recentes indícios de que militares chilenos e brasileiros querem que os Estados Unidos voltem a vender equipamento militar ultramoderno?**

**Fernando Henrique** — Não, não é nada disso. Já esclareci que isso não vai existir. Não, não. Foi simplesmente alguém daqui que quis saber quanto custavam certos equipamentos. Uma coisa que, segundo creio, os americanos não percebem muito bem é que sou o comandante supremo das Forças Armadas, cargo que exerço plenamente. E os chefes militares aqui estão muito afeitos à democracia. Além disto, respeitam as restrições econômicas e políticas. Criei aqui um conselho de política exterior, segurança nacional e defesa externa em que os militares têm assento, e eu presido o conselho. Portanto, eu lhe asseguro que as vendas estão paradas.

**Estado — Eu gostaria de abordar outro tema inspirado por minhas viagens anteriores ao Brasil nos anos 50 e 60. Refiro-me à explosão artística deste país, tanto em arquitetura quanto em pintura, música e literatura. Que pensa o senhor de uma iniciativa do secretário da Cultura do Estado de São Paulo, Marcos Mendonça, que propôs que São Paulo seja sede de um programa para promover o intercâmbio cultural do hemisfério?**

**Fernando Henrique** — Creio que é uma idéia excelente. São Paulo é nossa Nova York em matéria de teatro, de pintura, de recursos universitários, e poderia desempenhar importante papel no trabalho de criar um melhor entendimento entre as Américas. É um projeto que ele deveria abordar com o ministro da Cultura.